

Heandro Gomes de Barros

A mulher e o imposto

Decima de um portuguez a sua namorada

Debate do Serrador com Josué

(1.º Volume)



A' venda na rua do Alecrim n. 38 E



A mulher e o imposto

O mundo valia pena
A terra fazia gosto
Se apparecesse uma herva
Com que matasse o imposto
Se o homem não precisasse
De olhos e dente supposto.

Se a mulher nascesse calva
Era uma grand- façanha,
Havia uma economia
Em pente, óleo e em banha
E ella sendo pellada
Talvez não tivesse manha:

Se o homem quando nascesse
Fosse calçado e vestido,
Se o feijão que se plantasse
Botasse logo cosido
Com carne, toucinho, verdura,
Estava o mundo garantido.

Se tudo que é necessario
Se tivesse a cada instante,
Se tivesse sem comprar,
Carne, pão, assim por diante,
Nascesse bife em roçado,
Carne guizada em vasante.

Se o milho em vez de espiga
Botasse logo pipoca,
Cuscús, angú, munguzá,
Nelle ouvesse café moka,
Se se plantasse a maniva
E nascesse tapioca.

Se ás 6 horas da manhã
Chovesse leite de vacca,
Houve-se um rio de aguardente,
Daquella mesmo que ataca,
Dormia o mundo n'um porre
Acordava na ressaca.

Se o governo nos pagasse
Para nós negociar,
Desse dinheiro aos fraguezes
E mandasse nos comprar
E não tivesse uma lei
Para o imposto cobrar.

Se quando o homem cazasse
A mãe da mulher morresse

Se a velhice se acabasse,
A molestia adocesse,
A mocidade voltasse,
A morte de nós corresse.

Se a mulher fosse uma cousa
Que nunca mais se acabasse,
Não ficasse velha e feia,
Todo tempo renovasse,
Fosse igualmente a canna
Que se corta e ella nasce.

Mas o eterno sabendo
O que podia surgir,
Pois a mulher renascendo
Podia a sogra saber
E se desgraçava um genro
A sogra tornando a vir.

Porque o casal com sogra
Nunca pode viver bem,
A sogra põe-se a catar
As faltas que o genro tem,
Planta o ciúme na filha
D'ahi a desgraça vem.

Manda a filha lhe pedir
O que elle não pode dar,
Diz-lhe, se faça doente
Para poder passeiar

Você só dentro de casa
O que é que pode gosar?

Os homem casados de hoje
Só querem é vadiar,
A mulher pede uma cousa,
Diz: eu não posso comprar;
Uma «bicha» lhe pedindo
Elle não ha de negar.

Botar isso na cabeça
De quem já é bem passada,
Ensinar uma lição
Que ella tem decorada,
Depois de dous ou tres annos
Como não está afiada?

Se o homem trabalha longe
Sae logo de madrugada,
Ella inda fica dormindo
Em boa cama deitada,
Se levanta ás 8 horas
E diz que está enfadada.

Elle sahio muito cedo,
Só vem em casa uma vez;
Ella acorda muito tarde
E diz com estupidez:
O diabo do malandro
Sahiu nem o fogo fez.

A's cinco horas da tarde
Volta elle do roçado,
Trabalhou lá todo o dia
Chega com fome e cançado
Encontra ella n'um canto
Como um touro aperriado.

Elle pergunta: mulher
A janta está prompta ou não?
Ella pergunta: você
Deixou-me lenha ou carvão?
De onde eu tirava agua
Para cozinhar feijão?

Você sae de madrugada
Me deixou aqui doente
Com muita dor de cabeça,
Me doendo até um dente;
Entende que uma mulher
E' de ferro ou é dormente.

Mas não contou ao marido
Que assim que se levantou
Foi para casa do visinho
Saber do que se passou
Em fallar da vida alheia
O dia todo levou.

Em vez de cuidar na janta
Para o marido jantar

Entra logo para o quarto
E pega a se lastimar
Vae elle para a cosinha
Se a noite quizer ceiar.

Um desgraçado que casa-se
Para descançar da lida
Ter casa, viver em paz,
Gosar um pouquinho da vida
Encontra uma cobra dessa,
Essa existencia é perdida.

E se chega-lhe um bebé
Desses chamado de raça,
Quando nasce já encontram
Cama, roupa, leite e massa,
Ahi é que o camarada
Vê a neta da desgraça.

Pois elle chega chorando
Sem querer nada acceitar
Para comer o que guardou-se
E' preciso se rogar
Isto assim é que é canudo
Triste de quem o levar.

Nada faz na agricultura
Pensa em botar um negocio.
O governo diz lhe logo:
Eu sou o primeiro socio,

Porque o sabido come
E' a custa do beocio.

Antes de botar negocio
Precisa está alerta,
E' neccessario tirar
Licença de porta aberta
E pagar a afferição
E esperar pela collecta.

Já pagou porta aberta,
Pagou mais aferição
Pagou a limpeza publica,
Paga mais a revisão,
Inda é preciso pagar
Industria de profissão.

Dá o que o fiscal pedir
Se não por nada é multado;
Se intriga com o freguez
Que não vender-lhe fiado;
Faça o pobre o que fizer
Está sempre desarrumado.

Pois o homem quando nasce
Traz logo a perseguição,
Toma a mulher como cruz
Para mais condemnação,
Cáe nas unhas de uma sogra
Que é peor do que dragão.

Decima de um portuguez a sua namorada

Eu só queria savere
Se tú me tinha amisade
Porque não posso soffrere
O rigore da saudade.

Mulher o meu curação
Está entre ti e oiro,
Como saves o thesouro
Nos dare consulação,
Eu não possuo um tostão,
Que compre um pão pr'a comere
Como assim pode bibere
Um infeliz estrangeiro,
Onde teu pae tem dinheiro
Eu só queria savere.

Pega te com Santo Onofre,
Dare a seu pae dormideira
Metta-lhe a mão na algiveira
Carregue o que ouber no cofre
Fuja se não bucê soffre,
Corra com agilidade,
Com muita sagacidade,
Traga o dinheiro e me dêre
Que só assim osso crere
Que tu me tinhas amisade.

Eu estava empregado inda agora
P'ra tratare de uma vurra,
O homem deu-me uma surra
E votou me para fóra
O que é que faço agora,
Sem ter nada que comere
Não tenho mais que fazere
Sem credito, dinheiro e nome,
Apanhare e passar fome
Já não posso mais soffrere

Disse a moça : marinheiro,
Cabelleira de mufumbo,
Desgraçado, pé de chumbo,
Ladrão, nariz de poleiro,
Mocotó de boi mineiro,
Cobertor da caridade,
Quisila da antiguidade,
Cabeça de irisipela.
Derrame n'uma cadella
O rigor dessa saudade.


Peleja de Josué Romano com
Manoel Serrador

Josué—Sr. Manoel Serrador
Vamos entrar em questão,

Nós somos dous candidatos
No pleito de uma eleição,
Hoje aqui ha de se ver
Quem teve mais votação.

Ser.—Camarada é como queira
Onde eu achar brecha entro
Eu vendo a mesa formada
Havendo eleição vou dentro;
Bote quem quizer na porta
Eu hei de ficar no centro.

J.—Serrador, dou-te conselho
Que só sendo seu amigo,
Uma cobra lhe mordendo,
Não é tão grande o perigo;
Antes lutar com dez onças
Do que ter questões commigo.

S.—E' mais facil o sol gelar
E o espaço tremer,
Assar manteiga em espeto,
Peixe afogado morrer,
Do que eu encontrar perigo
Que me fizesse correr.

J.—O senhor diz que não corre
Quer correr, espere ahi,
O povo vel-o espirrar
Como quem já vai ali

Passando por sua casa
Perguntando eu moro aqui?

S.—Eu ando em sua procura
Desde do mez atrazado;
Veio um portador dizer-me
Que o senhor tinha chegado,
Eu mandei abrir cerveja
Para quem trouxe o recado.

J.—Eu ando atraz do senhor
Que só um guará por canna,
Só raposa por gallinha
E macaco por banana.
Inglez por linha de ferro
E preiá por gitirana.

S.—Eu andava atraz de si
Como um trem atraz do trilho,
Italiano por taxo,
Uma mãe atraz de um filho,
Feiticeiro por jurema
E a gallinha por milho

J.—Serrador eu sou duro como aça
E não ha cantador que me resista
Eu já canto a quasi 20 annos
Até hoje não perdi uma conquista;
Cantador que vem a mim chega robusto
Porém, vai amarello e até sem vista.

S.—Josué isso tudo são asneiras
Eu sou creion'uma cousa quando vejo
Uma onça para mim é uma pulga,
O leão é igual a um persovejo
E um tiro de rifle para mim
E'um lanche de vinho, dôce e queijo.

J. O que é isso collega? amansa mano
Dessa forma seu calculo sae tão torto
Aproveite bem o vento, olhe o perigo
Sua barca vae ao fundo e não ao porto
Outros vultos maiores que você
Com uma bala de badoque eu tenho morto.

S. Seu collega que badoque é esse sen?
E que bala é essa tão damnada?
Desta forma você arraza o mundo
E assim a graça se torna em nada
Isto é cousa que se conte é ás creanças
Faz favor contar dessa á camarada?

J.— Camarada lá vai eu
E' martello limpo e duro
E' romper pedras e rochedos
Se applume e seja seguro
Porque quem cantar commigo
Não espera bom futuro.

S. — E' como quizer
Eu estou preparado,
Estou de braço armado,

Dou em quem vinher,
Se você tiver.
Força de Sanção
Presa de leão,
Coragem dobrada
Encontra uma espada
Como a de Roldão.

J.— você fallou em Roldão
Conhece esses cavalheiros,
Os doze pares da França,
Os destemidos guerreiros,
Fallará alguma cousa
De Roldão e Oliveiros?

S. Sei quem foi Roldão
Duque Regné,
Duque de Mené,
Urgel e Galalão,
Duque de Milão,
Batim e Geraldo,
Sei quem foi Ricardo
E Guy de Borgonha
Espada medonha,
Alfange pesado.

J. Já sei que o collega sabe
Desses acontecimentos
Do que passou Carlos Magno
E todos seus soffrimentos;

Talvez conheça dos pares
Até mesmo os casamentos.

S. Todos affrontaram
Perigos crueis
E aos infieis
Todos derrotaram,
Alguns se casaram
Com turca pagã;
Pela fé christã
Roldão pela força
Casou com uma moça
De Abderramã.

J.—Essa moça foi Angelica
Que se casou com Roldão,
Guy de Borgonha com a filha
Do almirante Balão;
Ambos casaram a força
Que os paes quizessem quer não.

S. Collega o que tem você?
Parece que esta afrouxando,
Pois olhe que minha serra
Agora está se amolando,
Depois não saia dizendo
Que é cousa que estão botando.

J. Serrador você não pense
Que eu tema algum embaraço,

Eu sempre sopro primeiro
E depois tiro o pedaço
O povo hoje ha de ver
O trabalho que eu lhe faço.

S. Collega assim é que eu quero
Eu sei do uso da terra
Serrador faz-se innocente,
Fala muito mais não erra,
Eu quero mesmo mostrar-lhe.
A força da minha serra.

J.—Sua serra não tem aço
Inda precisa travar,
As madeiras do meu sitio
Ella não pode as serrar,
Inda que você penetre
Ver os pedaços voar.

S. Josué vá procurar
Desde o sul até o norte,
Veja se escolhe a madeira
De qualidade mais forte,
Veja se você tem páo
Que minha serra não corte.

J.—Até aqui não achei
Um doro que a mim vinhesse
E me fizesse seguir
Para onde eu não quizesse,

Tenho dado muitas surras
E nunca achei quem me desse.

S.— Eu hontem tambem dei n'um
Que nunca tinha apanhado,
Tanto que veio orelbudo,
Porém sahiu assignado,
Era assim como você
Vivia sempre enganado.

J.— Senhor Manoel Serrador,
Pode se desenganar,
Se hoje eu não o vencer
Tambem deixo de cantar,
Dou fim até a viola
E me mudo de lugar.

S.— Collega não diga isso
Se sustentar vae embora,
Pode desatar a rêde
E botar os cacos fóra ;
Eu garanto que o senhor
Não dura mais uma hora.

Terminará nas Visões de
Antonio Silvino.



6098
O auctor reserva o direito de pro-
priedade

Typographia Moderna

Luiz Alves Ferreira Leite

Casa de Confiança

*Especialista em trabalhos
concernentes a arte
typographica. Aprompta-se
com á maxima brevidade
e por preços resu-
midissimos: Memoranduns,
Facturas, Contas, Reci-
bos Cartões de participações,
Cartões de visita, etc., etc.
Acceita a publicação
de jornaes e revistas.*

Rua Duque de Caxias n. 38
PERNAMBUCO

(LGB)